



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

CAMINHOS PARA UMA DIDÁTICA ANTIRRACISTA COM
“AMARELO: É TUDO PRA ONTEM”, DE EMICIDA

Bruna Barros de Barcelos

Rio de Janeiro

2022

BRUNA BARROS DE BARCELOS

CAMINHOS PARA UMA DIDÁTICA ANTIRRACISTA COM
“AMARELO: É TUDO PRA ONTEM”, DE EMICIDA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação Português/
Literaturas.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Anabelle Loivos Considera

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Cristiane Madanêlo de Oliveira

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, aos meus pais, que sempre me incentivaram em toda minha trajetória escolar e acadêmica e fizeram o melhor para não deixar faltar nada em casa, quero poder retribuir tudo isso um dia.

Aos meus avós, que me acolheram sempre e, principalmente, durante toda a graduação.

Aos meus familiares, que estiveram ao meu lado e preocupados comigo.

À Thais, minha madrinha, que, apesar de ter partido deste plano, me motivou a trilhar na área de Humanas e foi minha primeira referência acadêmica na família.

À minha noiva, que chegou na minha vida durante o curso e fez toda a diferença, me impulsiona a cada passo, me ajuda nos meus objetivos e me incentivou a concluir a graduação todos os dias.

Às minhas amigas da faculdade, que nunca me deixaram desistir, nos momentos difíceis nos apoiamos e estivemos lado a lado.

Às minhas amigas e coordenadoras, Denise Dantas e Fernanda Souza, que despertaram em mim o lado pesquisadora e ajudaram em cada linha deste trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. REPRESENTATIVIDADE NEGRA E IDENTIFICAÇÃO RACIAL	9
2.1 O AUTOR: “EMICIDA”	11
2.2 A OBRA: “AMARELO: É TUDO PRA ONTEM”	12
3. O APAGAMENTO DE FIGURAS NEGRAS	15
3.1 FIGURAS FEMININAS.....	18
4. A EDUCAÇÃO BÁSICA E UMA DIDÁTICA ANTIRRACISTA	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

RESUMO

O presente trabalho intenta debater, discutir e criar possibilidades de como nós, professores da Educação Básica, podemos abordar a temática antirracista a partir do documentário “Amarelo: É Tudo Pra Ontem”, de Emicida, em sala de aula. Apesar de o tema antirracista ser debatido frequentemente no país e no mundo atual, acredita-se que ele deve ser mais aprofundado em todas as escolas e, por esse motivo, é preciso unificar e intensificar esse ensino. É necessário, também, se perguntar se há uma boa preparação do professor para falar do assunto; por isso, busca-se utilizar os conteúdos do documentário para auxiliar na disciplina de Literaturas de Língua Portuguesa. Além disso, o trabalho busca questionar de que forma esse assunto vem sendo abordado nas salas de aula da educação básica.

Palavras chaves: Antirracismo, Didática, Ensino Médio

1. INTRODUÇÃO

A Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008, torna evidente a importância do estudo de culturas africanas e indígenas como obrigatoriedade, segundo o Art. 26-A,

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o indígena na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

A presente lei ratifica a literatura como um meio crucial para destacar a história e a cultura do povo negro. Com isso, além da medida governamental, é de responsabilidade, também, do professor aproximar seus alunos da temática antirracista com novas perspectivas. Através das experiências em nossa formação escolar e acadêmica, consideramos a falta da Literatura Afro-brasileira alarmante. Por isso, este trabalho planeja reforçar a importância do tema em sala de aula, que será elaborado através da metodologia de Bell Hooks e Paulo Freire, no terceiro capítulo. E, como sugestão de um caminho antirracista, discutiremos sobre a magnitude da obra “AmaRelo: É Tudo pra Ontem”, de Emicida, documentário original da Netflix, que possui vasto conteúdo direcionado à temática proposta e será analisado em toda a monografia. Para pensar o ensino por essa perspectiva, optamos, ao final da pesquisa, por uma proposta de uma sequência didática sobre a obra analisada, direcionada a professores da Educação Básica.

Contribui-se, ademais, para novos materiais que possam ser utilizados na disciplina de Literaturas de Língua Portuguesa, no âmbito da literatura Afro-brasileira que é um conteúdo obrigatório e necessário. Para a realização da pesquisa, busca-se usar como recurso referenciais teóricos negros que mostram, através de suas obras, as experiências vivenciadas pelos mesmos. Assim, o presente trabalho defende uma abordagem antirracista em sala de aula, o que se torna possível por meio de uma didática que preze valores e reflexões antirracistas. Pretende-se, como objetivo primordial, investigar como melhorar o ensino da literatura afro-brasileira no Ensino Médio, sem deixar de lado a formação e preparação do professor para ministrar o conteúdo. É fundamental, ainda, que este tema esteja cada vez mais presente na grade curricular da escola, para que o estudante se identifique com a cultura negra. Por conseguinte, demanda-se fazer com que a ficção africana e a afro-brasileira sejam presentes e

representativas na vida dos alunos, a fim de que eles possam se familiarizar com suas memórias.

O seguinte trabalho busca, através de uma proposta de educação libertadora, possibilitar artifícios de uma didática antirracista para alunos da educação básica, mais especificamente, o segundo ano do Ensino Médio. Para Paulo Freire, um dos saberes indispensáveis para a formação docente é:

Sobretudo (...) que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, p. 12).

Isto é, para professores possibilitarem uma educação que liberte alunos do racismo, o primeiro passo é entender que ensinar não é apenas entregar conteúdos programados, mas sim gerar meios para seu aluno construir sua própria produção; por isso, será utilizado um método dinâmico e participativo para incentivá-los à consciência crítica, com o auxílio do documentário mencionado anteriormente.

Neste ano, comemoram-se 200 anos da independência do Brasil e 100 anos da Semana de Arte Moderna de 22, e fatos importantes destacam as múltiplas diferenças entre essas datas. Apesar de todo esse tempo passado, percebe-se que o país ainda tem rastros da colonização, da escravidão, e ficam explícitas todas as nefastas consequências que isso nos trouxe. A desigualdade social, provocada pelo período destacado, é uma grande evidência do resultado que o racismo trouxe, em que a maioria da população marginalizada são pessoas negras, além de causar um impacto muito forte que é a não apropriação, por parte dos afrodescendentes, de uma educação de qualidade, da cultura, da política, entre outros direitos que lhes foram negados. Além disso, a Semana de 22, embora tenha sido um movimento da quebra por uma arte de vanguarda para uma estética mais brasileira, foi, em sua grande maioria composta por pessoas brancas.

Em vista disso, o documentário “AmarElo” aborda esse assunto com outro olhar, uma nova perspectiva. Mostra-se o porquê de Emicida ter escolhido o Theatro Municipal de São Paulo, aos 18min e 52s do documentário ele responde: “Porque não tem uma viga, tá ligado? Não tem uma ponte, não tem uma rua, não tem um escritório, não tem um prédio importante que não tenha tido uma mão negra trabalhando para estar de pé hoje.” (AMARELO, 2020). Através dessa fala, pode-se perceber que, lá em 1922, apesar de eles mesmos terem construído o teatro, não havia oportunidade de se ocupar o Municipal com pessoas negras e que, atualmente, isso se tornou possível, a partir da iniciativa do cantor, que conseguiu construir esse momento. O *rapper* afirma que “essa é a nossa forma de dizer pra todas as pessoas que têm uma origem que nem a nossa que a gente precisa, sim,

ocupar esse tipo de espaço.” (AMARELO, 2020, 19 min). Assim, é destacada a importância de pessoas pretas ocuparem espaços privilegiados como o Theatro Municipal, e perceber que aos poucos houve um avanço de acesso e representatividade negra dentro desses espaços.

É preciso olhar a cultura negra sob outro ponto de vista, e repassar esse novo prisma para alunos que estão no ensino básico, demonstrando um cuidado pedagógico que não havia em gerações anteriores. Esse é o intuito que Emicida transmite no documentário, quando afirma que “no momento em que a gente subir naquele palco, é muito importante que a gente pense que daqui a 50 anos, esta é a noite que transformou a vida de muita gente” (*idem*), e é esta transformação que nós, professores, devemos buscar.

Em vista disso, a pesquisa será composta por três capítulos: o primeiro trata-se da representatividade negra e da identificação racial, o qual conceitua a necessidade em ter, especificamente para os alunos, a representação social de pessoas negras e identificação das histórias/vivências com que eles terão contato. O segundo capítulo mostrará o apagamento de figuras negras, pessoas que, ao longo da história, foram rasuradas por conta do racismo em que vivemos, sem que suas ações fossem valorizadas. O terceiro capítulo irá discorrer sobre como utilizar a didática como um recurso para debater o tema apresentado, como ensinamos aos alunos do segundo ano esse conteúdo tão importante para a sociedade atual, momento em que será apresentada a proposta de sequência didática mencionada anteriormente.

2. REPRESENTATIVIDADE NEGRA E IDENTIFICAÇÃO RACIAL

“As minhas memórias não são doces, embora pudessem ter sido, podiam ter sido memórias de orgulho se estas imagens me tivessem sido mostradas antes. Não chegam tarde, ainda chegam a tempo” (KILOMBA, 2016, 23 min).

O propósito deste capítulo é falar da relevância da representatividade, principalmente para alunos adolescentes negros, além da importância da identificação racial, que criará um novo formato de ensino-aprendizagem em sala de aula, quebrando aspectos preconceituosos que vêm sendo disseminados há séculos. Pautada na fala de Grada Kilomba, propõe-se que esta discussão possa proporcionar espaços dentro do ambiente escolar que valorizem a cultura afro-brasileira. É necessário cada vez mais que as memórias de ancestrais negros sejam de orgulho, sejam familiares e, mesmo que isso não tenha chegado para todos em gerações anteriores, a expectativa é a de que chegue agora.

A construção de narrativas sob a perspectiva do homem branco fez com que o negro se afastasse da sua história e origem. Através de novos olhares, há a construção e retomada da linhagem negra, que nos faz reconhecer que essa história não foi feita apenas de escravidão, ou seja, vai muito além disso. Deve-se esclarecer que, por anos, a cultura ocidental distorceu a imagem da população negra, tornando a cultura europeia superior a qualquer outra. Portanto, o exemplo de civilização a ser seguido era a cultura branca e, por conta disso, ocorreram violências e opressões, tanto físicas quanto emocionais.

Segundo Giovanna Hemerly (2018), pesquisas recentes mostram que a representação depreciativa da história negra reflete o grande impacto negativo na autoestima e relacionamentos entre pessoas pretas. Apesar disso, há uma melhora nesses casos por conta da nova geração de representatividades negras que surgem possibilitando novas narrativas, “a partir da desconstrução e da resignificação de estereótipos e ideologias, tanto nos espaços educacionais, quanto nos meios eletrônicos digitais” (HEMERLY, 2018). Entretanto, mesmo com o avanço e aumento desses processos, entende-se que a luta ainda deve continuar.

A respeito disso,

Durante suas pesquisas sobre a questão racial na educação brasileira, em meados da década de 1980, Ana Célia da Silva, doutora em Educação pela UFBA e especialista em Estudos Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (UFBA), notou que a representação social do negro nos livros didático das escolas de ensino básico, além de raras, ajudavam a reforçar estereótipos e a discriminação, invisibilizando seus valores históricos e culturais. A depreciação era naturalizada de forma que, muitas vezes, a própria criança sujeitava-se às concepções

preconceituosas sobre si, acreditando ser esta uma realidade e não uma representação distorcida” (HEMERLY, 2018).

Sabe-se que a realidade de muitas crianças e adolescentes negros foi baseada em representações preconceituosas acerca da cultura, da estética, da beleza, da história afro-brasileira, enfim, e esse retrato que foi montado para a população preta gerou consequências por muitos anos. Obviamente, a escola não ficaria de fora disso: Silva (*apud* HEMERLY, 2018) afirma que os livros didáticos fazem parte dessa representação distorcida do negro, o que leva, conseqüentemente, as crianças a acreditarem que essa representação é o real e não algo que foi utilizado para atingir a autoestima da comunidade negra.

Outra coisa que Hemerly (2018) aponta sobre a pesquisa de Ana Célia da Silva é o conceito de auto-rejeição, muito comum em crianças negras, por conta da depreciação de seus fenótipos, gerando a não aceitação de sua aparência física e também de seus iguais, “por haver uma ruptura na sua relação com a própria identidade étnico-racial, não querendo deste modo pertencer a um grupo socialmente inferiorizado” (HEMERLY, 2018). A matéria ressalta que apenas o fato de alisarmos nossos cabelos já é um exemplo de auto-rejeição, pois foi apontado que esse cabelo era “ruim” e essa crença ficou cristalizada para a criança. Além disso, há muitos outros exemplos de auto-rejeição, como a própria cor da pele, o nariz e a boca mais grossos, o que traz algumas consequências, como o excesso de cirurgias plásticas.

Outra questão colocada por Ana Célia da Silva é o cuidado que os educadores devem ter quando enfatizam a igualdade ao invés de valorizar a pluralidade histórico-cultural e fenotípica que constitui a sociedade brasileira. Quando se coloca que todos são iguais, há uma possibilidade de interpretar a diferença como um problema ou algo passível de ser ignorado, deixando assim de trabalhar o valor da pluralidade em sala de aula. Isso abre um espaço para a valorização da “ideologia do branqueamento”, já que diante do valor negativo que se tem do negro, a criança acredita que para ser igual a todos, é preciso se igualar ao modelo eurocêntrico convencionado pela sociedade. Por esta razão, seria mais importante ressaltar que a diferença não é o problema, e sim a sua não aceitação e intolerância. (HEMERLY, 2018)

Ademais, a autora destaca, na pesquisa de Silva (*apud* HEMERLY, 2018) a falsa utopia de que todos somos iguais: é necessário afirmar a alunos e alunas que essa falácia atrasa o fato de aceitarmos que somos diferentes, com histórias, jeitos, personalidades, interesses diferentes. O maior obstáculo para a aceitação da diversidade racial é achar que deve-se seguir um padrão, no caso, o padrão europeu, em cujo bojo a pesquisadora aponta a ideologia do branqueamento. Essa perspectiva é prejudicial principalmente para pessoas negras, pois nos faz acreditar que devemos seguir a cultura europeia branca, uma vez que esse modelo é o que nos foi imposto. É preciso entender que, na verdade, somos seres

individuais e, por isso, nossas diferenças devem ser respeitadas e toleradas. Como bem pontua Fanon (2008),

De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (FANON, 2008, p. 104).

Fanon explica que aos negros foi imposto um sistema de referência totalmente diferente de seu âmbito social e cultural. Isso ocorreu e ainda ocorre de forma violenta, uma vez que esse sistema preconiza que brancos colonizadores sejam vistos como superiores, exemplos de civilidade a serem seguidos, deixando de lado quaisquer referências de representação negra. Isso confirma a suma importância do trabalho pedagógico sobre representatividade com essa nova geração de pessoas, principalmente por parte dos professores, para levar referências da comunidade preta para dentro da sala de aula. Reconstruir a imagem do povo negro e recuperar a autoestima retirada dele é um caminho que deve persistir, dentro e para além da sala de aula.

2.1 O AUTOR: “EMICIDA”

Por falar em representatividade, não poderia deixar de destacar a relevância do autor de “AmarElo”, não só para esta pesquisa, mas, para o país, por todo o trabalho com representatividade que o *rapper* Emicida constrói com suas obras, sua empresa e seus sonhos.

Em primeiro lugar, deve-se destacar a história de Emicida, *rapper*, cantor, compositor e produtor musical brasileiro, homem negro, nascido e criado em São Paulo, sem muitos recursos. Leandro Roque de Oliveira, seu nome, ficou conhecido pelas suas rimas de improviso, que deram início à sua carreira, com milhares de acessos no YouTube (EMICIDA, 2022). Sua bibliografia, em seu próprio *site*, diz que:

Emicida redefiniu o lugar de um artista preto na indústria cultural com a mesma intensidade que os Racionais fizeram duas décadas antes, e com a novidade de estabelecer uma consolidada marca de vestuário, entretenimento e agenciamento de artistas, a Laboratório Fantasma (EMICIDA, 2022).

Isto é, o *rapper* construiu não só uma carreira musical, mas também criou meios empresariais para divulgação de seu trabalho. Além disso, aponta-se que o cantor é um artista vanguardista, que luta pelos direitos da minoria: “Algo importante a se dizer é: sem a menor sombra de dúvida, Emicida, sobretudo com seus três álbuns, é o artista que

melhor e mais discute a questão racial no país, esmiuçando e se opondo à necropolítica¹ local” (EMICIDA, 2022). Sendo assim, é perceptível que o *rapper* se mostra um ativista e está sempre por dentro das lutas raciais do país, levando consigo a arte e a música.

Segundo o Itaú Cultural (2021), “mais do que contestatória, sua produção tem forte teor reflexivo. Quase sempre cantando em primeira pessoa, o artista denuncia problemas sociais, como a prostituição, em ‘Rua Augusta’, e preconceito racial, em ‘Cê Lá Faz Ideia’”. Ou seja, ser um artista que não se priva de falar sobre problemáticas presentes no país o faz ser um grande defensor dessa luta.

A primeira vez que eu fui na África, meu amigo Chapa me levou no Museu que tem em Angola que eles chamam de Museu da Escravidão. E naquele lugar tinha uma pia, e tava escrito um texto na parede que era mais ou menos assim: “Foi nessa pia que os negros foram batizados, e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que não tinham alma.” Eu olhei pro meu parceiro e naquele dia entendi qual era a minha missão. A minha missão, a cada vez que eu pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos meus irmãos e das minhas irmãs que sentiu que um dia não teve uma (AMARELO, 2020, 15 min).

Podemos usar essa fala de Emicida durante o show como exemplo do que o artista quer expressar com suas músicas. De forma engenhosa, o cantor possibilita a seus ouvintes fazer crítica à distorção da história negra que nos foi passada, como essa que foi disseminada pela Igreja Católica de que negros não possuíam alma e, por isso, deveriam ser batizados. E, assim como ele, nós, professores, também devemos desmistificar tais falácias que foram criadas ao longo do eurocentrismo. Por isso, o documentário “AmarElo” proporciona o contato com temáticas ricas em informações precisas sobre o pensamento afro-brasileiro que precisam ser propagadas – principalmente no âmbito das instituições escolares.

2.2 A OBRA: “AMARELO: É TUDO PRA ONTEM”

O documentário “AmarElo: É Tudo Pra Ontem”, que “entrelaça o show do Emicida no Theatro Municipal de São Paulo com a história da cultura afro-brasileira” (NOVAIS, 2020), é um bom exemplo de representatividade negra na contemporaneidade. Foi produzido pela Netflix em parceria com a gravadora musical Laboratório Fantasma, exibindo de maneira engenhosa a história e a cultura do país que apagou por muito tempo figuras negras que delas fizeram parte. A obra, por si só, já é um grande exemplo de

¹ Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer (ABL *apud*, MBEMBE, 2003).

avanço na construção de novas representatividades, é uma criação que possui um tema crítico e aborda esse assunto tão importante a ser debatido. Apenas o fato de estar em uma plataforma de grande acesso ao público como a *Netflix* diz muito sobre o produto e sua força de representação.

O álbum de música *AmarElo*, que é o objeto temático do documentário, ganhou o Grammy Latino recentemente e teve grande repercussão positiva dentro e fora do país. Suas canções buscam retratar, segundo o *site* de notícias e mídia,

A realidade de pessoas negras tanto pelo viés das dificuldades impostas pelo racismo estrutural, quanto pelas narrativas de afeto, de resistência cultural e de esperança, o álbum é extremamente importante; um manifesto de luta por meio do desabafo, das relações e da doçura (HYPENESS, 2020).

Em vista disso, além de abordar questões essenciais a serem debatidas, há uma leveza em suas músicas, com encontros artísticos extraordinários.

Emicida, desde o início da obra destaca a questão da ancestralidade, reafirmando que a luta antirracista, mais especificamente todo o trabalho que ele defende e produz, não se origina agora, mas sim de um passado de muita resistência. O *rapper* deixa claro que esse evento foi pensado como um marco histórico para que as pessoas se lembrem do que foi realizado com esse trabalho.

O documentário, por ter vínculo com o álbum musical do artista, é composto pelas suas músicas, de forma amena e descontraída, sem perder a essência da crítica social que o autor deseja. Assim, considera-se um ótimo recurso para ser aplicado a jovens do Ensino Médio, pelo formato de audiovisual, pela temática e pela relevância dessa obra.

Conforme Emicida narra em seu documentário, a cultura *hip-hop* foi fundamental para jovens periféricos encontrarem um novo jeito de se expressar, o que ocorreu através do *rap*, do *break* e do grafite. Tornou-se um movimento que gerou conscientização a respeito do racismo e da desigualdade social (3 '17"), conectando ideias de trabalhadores e operários às ideias de intelectuais brasileiros. Deste modo, surge o contexto do porquê ensinar esses jovens através da arte, visto que é um mecanismo que liga o interesse dos alunos pela música junto à temática que deve ser trabalhada.

O título “AmarElo”, pensado por Emicida foi inspirado na obra de:

Paulo Leminski (amar é um elo/ entre o azul/ e o amarelo), [e] o artista busca reunir heranças, referências e particularidades encontradas na magnitude da música brasileira e aplicar a elas olhares e aprendizados que acumulou desde o lançamento da sua primeira (e clássica) mixtape ‘Pra Quem Já Mordeu um Cachorro por Comida Até Que Eu Cheguei Longe...’ (2009)” (RONCOLATO *apud*, BME, 2019, s. n.).

Em outras palavras, acredita-se que o *rapper* quer passar uma mensagem de amor aos seus ouvintes, quer recuperar experiências e lembranças boas que obteve ao longo de seu percurso, principalmente de referenciais negros, para retomar o “elo” com os antepassados que foram esquecidos ou não valorizados.

Consequentemente, através de suas músicas, pretende-se gerar identificação por parte dos estudantes e, com o documentário, utilizar seu conteúdo para que os alunos se apropriem da temática proposta.

3. O APAGAMENTO DE FIGURAS NEGRAS

Segundo Elisa Larkin Nascimento (2008), no livro *A Matriz Africana no Mundo*, desde a antiguidade, há o apagamento da verdadeira história africana. Em um dos capítulos de seu livro, a autora desvenda fatos que foram propagados durante muito tempo sobre a fonte da civilização ocidental, o Egito Africano. Essas circunstâncias são primordiais para o entendimento de como e porque a cultura Africana tanto foi apagada e, por isso, busca-se analisar a raiz do problema. Pretende-se, também, destacar figuras que foram vítimas desse apagamento. No caso, as figuras presentes em “AmarElo”.

Quando falamos em civilização ocidental, referimo-nos à cultura de origem greco-romana e europeia, que, com o colonialismo e seu legado, vem sendo imposta aos outros povos do mundo como padrão de universalidade. A suposta superioridade dessa cultura ocidental é uma noção que a dominação impõe de tal forma que os próprios ex-colonizados tendem a internalizá-la. De acordo com essa noção, a civilização ocidental representaria o estágio mais avançado do desenvolvimento humano, o único em que o progresso conduz a uma vida de qualidade cada vez melhor. As culturas dos povos não-europeus são consideradas arcaicas, primitivas, estáticas e de pouca contribuição para o progresso humano. Com base nessa caracterização, criam-se estereótipos sobre esses povos e suas culturas: no caso dos povos indígenas americanos, prevalece a imagem do nobre selvagem, já os asiáticos são identificados com a imagem do saber esotérico. Nenhuma cultura é considerada mais primitiva ou arcaica do que a africana (NASCIMENTO, 2008, p. 63).

No trecho apresentado acima, a autora assinala a temática da civilização ocidental tida como de origem greco-romana e europeia, que até hoje é vista como a superior, uma vez que essa teoria foi disseminada por tanto tempo que até os povos que foram colonizados acreditam nesse discurso. As consequências da adesão a esse discurso é muito maior para o povo africano, o qual foi o berço de praticamente todo conhecimento científico, filosófico e tecnológico para a Grécia antiga, originalizado no Egito, e nunca recebeu o devido crédito por isso.

A Europa fundamentava a ética da escravidão na hipótese da inferioridade congênita dos africanos. Não seria conveniente, naquele contexto, divulgar tais fatos. Criou-se, então, uma disciplina científica, a egiptologia, voltada à tarefa de tirar do Egito o crédito por suas realizações e atribuí-las a uma cultura realmente branca, a grega. Aliás, os autores lançaram mão de vários recursos, entre eles o de retratar o Egito como um país branco, imagem que até hoje prevalece no imaginário popular. No cinema norte-americano, por exemplo, atores brancos representaram personagens egípcios. Claudette Colbert e Elizabeth Taylor ficaram bastante conhecidas no papel de Cleópatra. Outra teoria bem difundida foi a de as populações negras do Egito terem sido conquistadas e escravizadas por povos estrangeiros, brancos, que lhes transmitiram civilização. Chegou-se até a imaginar uma suposta "raça vermelha-escura", um gênero humano diferente que teria surgido no Egito, para não admitir que lá viviam negros africanos (NASCIMENTO, 2008, p. 65-66).

Este fragmento da obra apresenta as articulações feitas pelos europeus para manter o discurso da superioridade branca aplicado, porque através dele se obtinha o argumento para prosseguir a escravidão, o que era vantagem para eles. Por outro lado, para negros africanos, houve radicais eventos prejudiciais para seu povo, o maior exemplo disso foi o fato de serem criadores de todos esses saberes e terem seus créditos roubados.

É necessário, através de novos meios de representação, destacar essas identidades que foram apagadas e excluídas ao longo de todos esses anos. Não será possível resgatar todas as figuras; entretanto, busca-se acentuar personalidades que possam ter suas histórias a serem trabalhadas e discutidas em sala de aula.

Uma das riquezas de informações presentes no documentário é o destaque que Emicida dá à essas figuras negras que foram ignoradas nos séculos passados. Um dos primeiros destaques é Tebas, sobre quem o *rapper* aponta que “não só colocou tijolo com sua mão preta, ele foi considerado decisivo na renovação estilística pela qual São Paulo passou no século 18” (AMARELO, 2020, 19 min); isto é, ele destaca que as pessoas negras não só foram cruciais como mão-de-obra de várias dessas estruturas, mas também foram responsáveis pela arte, pela própria influência intelectual. A fala se complementa com Geraldo Filme, que compôs um samba em sua homenagem, afirmando: “Ele construiu o Chafariz da Misericórdia. Na Praça da Sé, aqueles painéis dão os nomes dos autores e construtores. A Catedral e o Chafariz da Misericórdia é exposto lá, mas não dá o nome do autor. [risos] Mas a gente sabe que era ele” (AMARELO, 2020, 20 min). Com isso, é evidente que o fato de não haver um tributo a Tebas por suas grandes obras tem um nome: racismo.

André Rebouças, citado no documentário logo após Tebas, foi “um engenheiro, professor, abolicionista e monarquista brasileiro. O primeiro engenheiro negro a se formar pela Escola Militar” (FRAZÃO, 2020). O engenheiro passou em um dos primeiros lugares na Escola Militar e ganhou uma bolsa de estudos na Europa, depois de se formar, para se dedicar à prática da Engenharia Civil. Após a viagem de retorno para o Brasil, publicou livros como *Memórias Sobre os Caminhos de Ferro na França*. Consequentemente, Rebouças foi se tornando grande profissional militar, porém, quando sua mãe morreu, pediu baixa do exército. Apesar disso, continuou fazendo obras importantes, “projetou uma rede de abastecimento de água para a cidade do Rio de Janeiro. Estudou e projetou as docas do Maranhão, de Cabedelo, do Recife e da Bahia” (*idem*). Além de todo seu trabalho, Rebouças participou da Abolição da Escravatura sendo, portanto, considerado um forte emblema para a luta negra no país.

Junto a André Rebouças, fazemos menção a Luiz Gonzaga Pinto da Gama, considerado Patrono da Abolição da Escravidão no Brasil, figura determinante para o movimento. Nascido na Bahia livre, filho da africana livre Luísa Mahin, aos 10 anos de idade foi vendido com escravo pelo seu pai, cujo nome nunca foi revelado (LITERAFRO, 2021). Foi levado para o Rio de Janeiro e São Paulo junto a centenas de outros escravos, mas não era vendidos porque “escravos vindos da Bahia eram tidos como ‘desordeiros’ e ‘revolucionários’, devido ao marco histórico que foi a Revolta dos Malês, ocorrida em Salvador em 1835, da qual a mãe de Gama, Luiza Mahin, teria participado” (*idem*). Gama resistiu, aprendeu a ler e escrever, fugiu da casa de seus senhores, e logo conseguiu o documento que confirmava sua liberdade. Luiz Gama foi poeta, jornalista, entre tantas outras profissões, porém a que mais destacava-se era a de advogado, em que era autodidata.

Tratou dos casos de escravizações ilegais e de abolições individuais e coletivas do Estado de São Paulo. A respeito da profissão que abraçava, Gama confessa aos leitores paulistanos: “Eu advogo de graça, por dedicação sincera à causa dos desgraçados; não pretendo lucros, não temo represálias”. (Correio Paulistano, 20 de nov. de 1869). Segundo consta, Gama teria sido o responsável direto pela liberdade de aproximadamente quinhentos escravizados (LITERAFRO, 2021).

Portanto, Luiz Gama é de fato a maior figura representativa da Abolição da Escravidão, seu trabalho e sua luta foram primordiais para a libertação de escravizados. E, assim como outras figuras aqui destacadas, deve-se ressaltar cada vez mais sua história.

Emicida também destaca muitos outros nomes que precisam ter mais evidência em nossa história. Abdias do Nascimento é um deles, criador do TEN, o Teatro Experimental do Negro, que fundou essa ideia após assistir uma peça em que o personagem principal era um ator branco pintado de preto (AMARELO, 2020, 1h). O artista, como relembra o documentário, foi ícone da resistência negra, como na luta para manter o nome que desejava para seu grupo teatral:

Eu me lembro do número de pessoas que vinham me aconselhar para que eu não fizesse isso, não pusesse o nome de negro, porque aí eu ia fazer com que a iniciativa malograsse antes de se concretizar, antes dela ser lançada. Nesse ponto eu fui muito firme, muito convicto. Tinha que ser teatro negro, tinha que ser teatro do negro (*idem*).

A partir desse discurso, em que o ator fala com pesar, pode-se enxergar a dificuldade da representação do negro no teatro naquela época. Se, hoje em dia, ainda enfrentam-se obstáculos para o povo negro se destacar, anteriormente isso se mostra quase impossível. Abdias do Nascimento abriu portas grandiosas para o povo negro no teatro brasileiro, e é através dessas iniciativas que, aos poucos, a comunidade vai crescendo nos lugares em que queremos estar. Apesar de todas as suas realizações, o

artista nem sempre é reconhecido e estudado nas escolas, quando poderia ser, facilmente, abordado em disciplinas como a de Literaturas da Língua Portuguesa.

3.1 FIGURAS FEMININAS

Uma das riquezas de informações no audiovisual analisado são as figuras femininas que possuem amplo destaque na obra. Considera-se que estas mulheres negras causarão impacto sendo apresentadas aos estudantes em sala de aula, atingindo, especificamente, alunas negras, que podem se espelhar no relato positivo dessas histórias.

Serão analisadas particularmente algumas dessas figuras. Como, por exemplo, Enedina Alves Marques. A engenheira surge no documentário ao lado de outras figuras negras. Vale ressaltar o lugar notório em que esteve no ano de 1940, uma mulher negra, formada em engenharia pela Universidade do Paraná.

Em 1940, em um país que havia abolido a escravidão 52 anos antes somente e que havia permitido, por exemplo, o voto feminino apenas 8 anos antes, em 1932, a hipótese de uma mulher negra se formar engenheira por uma universidade brasileira era prática e tristemente um delírio. Pois foi esse delírio que a paranaense Enedina Alves Marques tornou realidade e exemplo em 1940 ao ingressar na Faculdade de Engenharia e se formar, em 1945, como a primeira mulher engenheira do Paraná, e a primeira mulher negra a se formar em engenharia no Brasil (PAIVA, 2020).

Acentua-se, em primeiro lugar, a magnitude de Enedina Alves ao quebrar tantas barreiras, como ser uma mulher negra com ensino superior, em um curso de exatas que é predominantemente composto por homens até os dias atuais. Além disso, “trabalhou no desenvolvimento do Plano Hidrelétrico do Paraná em diversos rios do estado, com destaque para o projeto da Usina Capivari-Cachoeira” (PAIVA, 2020), isto é, construiu uma carreira edificante na área em que atuava. Apesar de todo seu valor, poucas pessoas conhecem quem foi esta mulher e toda sua trajetória.

No âmbito do teatro, Emicida aponta Ruth de Souza como uma das maiores atrizes do Brasil, pertencente ao TEN de Abdias do Nascimento mencionado anteriormente. Lélia Gonzalez ressalta: “Eu fico assim observando a Ruth de Souza e vejo que, se essa mulher tivesse sido aproveitada, enquanto a grande atriz que ela é, ela seria tranquilamente a maior atriz brasileira de TV, por exemplo (...)” (AMARELO, 2020, 1h). Essa fala diz muito sobre as oportunidades exclusivamente para pessoas brancas, e os negros ficavam de lado, principalmente no caso de mulheres negras, que eram majoritariamente encaminhadas para serem empregadas domésticas, sem muitas perspectivas de futuro.

Além disso, um dos aspectos mais discutidos no documentário é a representação do samba, gênero musical brasileiro, que é majoritariamente de um universo masculino. Nas escolas de samba do país, encontram-se muitos carnavalescos, compositores, presidentes, e não são escritos com desinência masculina à toa. Mulheres que se destacam no samba carioca foram muito resistentes para trilhar suas histórias, que é o caso de Dona Ivone Lara e Leci Brandão.

A sambista Leci Brandão, primeira mulher a integrar a ala de compositores da Mangueira, também foi a segunda mulher negra na Assembleia Legislativa Estadual, depois de Theodosina Ribeiro (AMARELO, 2020, 47 min). No documentário, é ressaltada uma matéria, aparentemente de um jornal, em que ela aponta sua posição na sociedade e comenta sobre sua orientação sexual: “A gente já é marginalizado pela sociedade, então a gente se une, se junta e dá as mãos. E um ama o outro sem medo e sem preconceito. Quero que as pessoas enxerguem meu lado homossexual como uma coisa séria, que haja respeito.” (*idem*). A partir disso, entende-se a sambista como uma mulher de muita resistência em todos os âmbitos de sua vida, estando em lugares que não lhe eram permitidos, mas que ela lutou para ocupá-los.

Outro grande destaque deste capítulo reservado para as figuras negras, é Lélia Gonzalez. Aos 43 min e 30s do documentário, Emicida começa a narrar a história dela recapitulando o ano de 1942, quando Jaime de Almeida, então capitão do time de futebol do Flamengo, recebe uma proposta inusitada para sua família de um dos dirigentes do clube. Era para que a irmã do atleta (Lélia) fosse trabalhar como doméstica em sua casa. Gonzalez, anos depois, descreve o episódio em uma entrevista:

A gente tinha acabado de perder o nosso pai, fui babá de filhinho de madame. Sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Um diretor do Flamengo queria que eu fosse para a casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso, então, o pessoal acabou me trazendo de volta (AMARELO, 2020, 43 min).

Esta fala é fundamental para a análise do capítulo, pois Lélia Gonzalez teria seu destino comprometido como empregada doméstica, um dos poucos caminhos abertos às mulheres negras, se não tivesse reagido firmemente contra isso. O *rapper* continua narrando, “essa menininha cresceu e se formou em Filosofia e História, se tornou uma pensadora gigante, referência para figuras únicas do nosso tempo, através da beleza e da força de seus pensamentos” (*idem*). Ou seja, para estas mulheres desviarem dos destinos que são traçados para elas, é preciso muita força e coragem. É necessário quebrar barreiras extremamente difíceis, sair das estatísticas e, mesmo fazendo isso, o destaque para essas pessoas ainda será pequeno.

Isso é apontado pelas palavras de Angela Davis:

Eu sempre achei estranho porque sinto como se me vissem representando o feminismo negro, e porque vocês aqui no Brasil precisam olhar para os EUA? Não entendo. Acho que aprendi mais com Lélia Gonzalez do que vocês poderão aprender comigo” (AMARELO, 2020, 45 min).

Nesse discurso de Davis, entende-se o porquê desse apagamento. Precisamos valorizar as raízes do nosso país, precisamos estudar sobre elas. Como a autora mesmo disse, não carecemos olhar para outros países, pois temos grandes estudiosos aqui que não são visibilizados como deveriam ser, e é preciso que alguém de fora nos aponte isso.

Os estudos de Lélia Gonzalez são fundamentais para as questões raciais no Brasil. No documentário “AmarElo: É Tudo Pra Ontem”, o *rapper* Emicida aponta que “Para muitos, Lélia foi pioneira em tratar sobre interseccionalidade. Que é meio que a sobreposição das identidades e como elas se relacionam com as estruturas de opressão(…)” (AMARELO, 2020, 46 min). Posto isso, a ativista nos proporciona uma vasta análise sobre as posições que as minorias ocupam, o que é um assunto formidável para construir discussões em sala de aula. O autor continua: “a discriminação para as mulheres negras é elevada à 3ª potência. Quando o preconceito de classe se junta com a discriminação racial e de gênero, elas são três vezes mais discriminadas” (*idem*). Ou seja, as questões de gênero e raça fazem a mulher negra ter que se esforçar três vezes mais para garantir o seu espaço, o que torna seu destino um grande peso.

4. A EDUCAÇÃO BÁSICA E UMA DIDÁTICA ANTIRRACISTA

Segundo a matéria da Revista Elle, muitas pessoas ao assistirem o documentário “AmarElo: É tudo pra ontem” devem pensar: “Por que isso não é ensinado nas escolas?”. Embutida nesta pergunta, está a indicação de que o ensino oferecido nas escolas sobre a cultura afro-brasileira se encontra defasado. Mais especificamente falando, há alguns anos isso não era pauta nas escolas. Apenas a partir de 2008, depois da lei 11.645 (BRASIL, 2008), virou obrigatório o ensino da história e da cultura das etnias africana e indígena, entendendo-as como parte do nosso país.

A realidade nas escolas públicas é de maioria de alunos negros e, apesar da lei, encontram-se dificuldades para a abordagem do tema, seja pelo professor não se sentir apto a falar do assunto, seja por não se importar devidamente por ele. Entretanto, nós, como professores, devemos ter a responsabilidade de propiciar e construir caminhos para o aluno entender sobre a sua própria história, sobre a sua cultura, para que ele se orgulhe de quem é, para que se entenda como ele mesmo é, para ele lutar pelo que acredita. Esse aluno não vai conseguir lutar se não conhecer a própria história, não vai se valorizar se não entender a cultura e a sabedoria africana, que são vistas de forma demonizada pela sociedade.

O documentário “AmarElo” possui uma extensa e grande diversidade de conteúdos histórico/culturais sobre o povo negro, o que trará uma bagagem de estudos e, também, informações essenciais para os alunos entenderem a importância da cultura afrodiáspórica. O intuito dessa aprendizagem é o maior meio de gerar interesse nos alunos sobre a temática, uma vez que é através da arte e da música que professores conseguirão desmistificar falácias e preconceitos ouvidos em muitos outros meios.

Para alcançarmos tal objetivo, consideramos relevante que os professores se pautem nos referenciais teóricos, citados neste trabalho, em capítulos anteriores, um método de leitura programática indicado a todos que de alguma forma estão na luta antirracista. Todo levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa pode ser utilizado como inspiração para professores empregarem um novo ensino de Literatura dentro da sala de aula. Por isso, a escolha do documentário se deu em virtude da didática que existe por trás dele: há uma linearidade de fatos que o autor pontua com nitidez, destacando o porquê de lutar por uma causa antirracista. E por que não começar isso nas escolas? Este é o ambiente em que as crianças têm o primeiro contato com um mundo que não seja o seu próprio. Acreditamos na aplicação de uma didática que possa mudar a visão de parte

da população, uma didática que faça diferença na vida de crianças negras, que leve até elas representatividade, cultura, história e heranças africanas.

O *rapper* mostra, logo no início do documentário, dez motivos importantes para buscar a valorização da arte preta. Ele lista especificamente as três primeiras razões:

Primeiro, estamos falando do último país do continente americano a abolir a escravidão. Segundo, da cidade que tem sua riqueza baseada na era de ouro do ciclo do café, que tinha como mão de obra essa mesma escravidão. Terceiro, essa abolição abandona milhões de pretos à própria sorte, e é seguida de políticas de branqueamento através do incentivo à imigração europeia, da demonização das culturas africana e indígena e do apagamento total, não só da memória da escravidão, mas toda a contribuição não branca para o desenvolvimento do país (AMARELO, 2020, 1 min).

Os três elementos elencados são fundamentais para o entendimento de como o racismo ainda persiste no Brasil, e nos levam a entender por que muitas pessoas pretas continuam vivendo à margem da sociedade. Sabemos que essas informações listadas acima não são facilmente compreendidas, ditas de primeira mão. É preciso que o tema seja debatido antes, não só na disciplina de Literatura, mas também por outras, como História, Geografia etc. Por isso, o trabalho aqui proposto se destina a alunos do segundo ano do ensino médio. Mesmo assim, ainda não há garantias de que os alunos de uma turma de ensino médio já terão uma bagagem prévia de estudos sobre o tema.

Apesar disso, o assunto deve ser iniciado de alguma forma, não importa em qual série. Precisamos sempre ressaltar que o nosso país foi colonizado e se tornou escravocrata, e os alunos precisam entender que fomos os últimos a abolirmos a escravidão na América do Sul. Claramente, isso nos traz muitas consequências, pois, depois de escravizarem, matarem, tirarem riquezas dos povos negros e indígenas, no final de tudo, brancos abandonaram milhões de pessoas desses povos sem nenhuma política de restituição. Pelo contrário, houve a demonização da cultura e história afro-brasileira, além do branqueamento, que nos faz acreditar estruturalmente até os dias de hoje, que o branco é superior a todas as raças.

Em vigor desde janeiro de 2003, a lei 10.639 que coloca como obrigatório o ensino de História e Cultura Africana/Afro-Brasileira nas escolas de educação básica, é uma das conquistas no âmbito educacional e jurídico que visa valorizar a diversidade e promover ações que auxiliem no combate da discriminação, do preconceito e da intolerância. Desse modo, a escola deve, por lei, ser um local onde é possível produzir conhecimentos e valorizar a pluralidade de raças e etnias que formam a identidade cultural brasileira, além de possibilitar aos estudantes afro-brasileiros a construção de sua identidade pessoal ao conhecer mais sobre sua própria história, a partir de uma perspectiva menos eurocêntrica (HEMERLY, 2018).

Por conseguinte, a autora reforça a ideia de que a escola tem um papel indispensável para promover esse debate. Neste trecho, o artigo consente com o objetivo proposto na pesquisa, que é utilizar a educação como fonte de produção de conhecimento para desenvolver estudos que respeitem e valorizem todas as raças e etnias, especialmente a africana, foco desta pesquisa. E, como citado anteriormente, deve-se usar esse conhecimento para construir identificação racial a alunos racializados.

Com este fragmento, é importante frisar, também, que a Lei de 2003 a que a autora se refere é diferente da Lei de 2008 citada anteriormente na pesquisa. Apenas em 2008 foram incluídos os estudos indígenas como tema obrigatório nas escolas, já que, em 2003, a lei destacava apenas os estudos afro-brasileiros. Reforça a significância de olhar as novas perspectivas sem deixar nenhuma etnia de fora da história brasileira.

No entanto, Ana Célia da Silva afirma que, apesar de ser um importante avanço para o reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira, a eficiência da lei ainda fica comprometida por restringir sua aplicação somente à educação básica, deixando os cursos de formação de professores fora dessa obrigatoriedade. A consequência dessa decisão afeta inclusive a possibilidade de se trabalhar efetivamente a cultura negra em sala de aula e de desconstruir estigmas sociais por haver professores que não conhecem os elementos da própria cultura negra e que, em diversos casos, ainda perpetuam preconceitos e ideologias discriminantes (HEMERLY, 2018).

Outro aspecto que também é discutido neste trabalho é o questionamento sobre se as escolas estão devidamente preparadas para o ensino da cultura afro. Infelizmente, percebe-se ainda certa falta de estrutura para professores abordarem o tema em sala de aula. Como podemos ensinar algo que não nos foi ensinado? Vemos em cursos de graduação, como, por exemplo, o da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disciplinas destinadas à cultura africana apenas na habilitação de Literaturas, enquanto em outras habilitações não há disciplinas obrigatórias. Portanto, é necessário pensar como preparar esses futuros docentes para a abordagem do assunto em sala de aula, já que muitas vezes eles saem da universidade sem formação específica para isso.

Tal proposição se faz presente na obra *Ensinando a Transgredir: a Educação como Prática da Liberdade*, de Bell Hooks, que tem como principal referência Paulo Freire, discutindo em seu livro como professores devem ensinar através de uma pedagogia que liberte, e não que reprima os estudantes. Vejamos o fragmento da obra a seguir:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para

criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo (HOOKS, 2013, p. 25).

Será por meio da prática da liberdade, citada pela autora, a forma de sistematizar a proposta de intervenção didática desta pesquisa, por meio de uma sugestão de como o professor pode trabalhar em sala de aula com esse tema. É através desse método que se propõe o ensino de Literatura afro-brasileira, para que professores ensinem participando da trajetória dos alunos como pensadores críticos e autênticos, e não apenas dando informações a eles.

Bell Hooks, que viveu na época da segregação nos EUA, mostra, em seu livro, a diferença de quando a escola era somente para negros e após misturar negros e brancos. Tal diferença estava no cotidiano do ensino, uma vez que os professores na escola apenas para alunos negros transformavam a sala de aula em um lugar de libertação e descoberta (SANTOS, 2020); já no final da segregação, numa escola em que os alunos se mesclavam, a autora a aponta como um lugar em que professores reforçavam estereótipos e preconceitos contra os negros, deixando de ser um espaço prazeroso (*idem*). Este relato enfatiza a importância de os professores não reproduzirem a prática da educação eurocêntrica, que exclui e diminui saberes da cultura afro.

(...) Desde o começo, foi a insistência de Freire na educação como prática da liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamentos críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos. A educação como prática da liberdade era continuamente solapada por professores ativamente hostis à noção de participação dos alunos. A obra de Freire afirmava que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar (HOOKS, 2013, p. 26).

Hooks afirma, em comunhão com as ideias do educador Paulo Freire, a relevância de alunos e professores trabalharem em conjunto, de forma harmônica. Não basta apenas o interesse do aluno em aprender, é necessário que o professor ofereça meios didáticos para que o processo ensino-aprendizagem se dê de maneira dinâmica e representativa. Caso esse ensino seja oferecido de forma opressora, a sala de aula vai deixar de ser um espaço seguro para os estudantes, causando desinteresse pelos estudos.

Dessa forma, pensando em um método que junte os saberes de Hooks e Freire, recomenda-se uma nova abordagem da temática antirracista, que ao invés de apenas comentar sobre a escravidão e o sofrimento do povo negro, aborde também temas com que as crianças e jovens possam se identificar positivamente, e buscar representatividade nesse conteúdo. Para isso, propomos a seguinte sequência didática, inspirada no artigo de Boudoux (2016, p. 8), que pode auxiliar no ensino de uma didática antirracista:

Nº de aulas	Tema	Problema	Descrição das aulas
1	A representação cultural dos povos Africanos	Como essa representação pode afetar estruturalmente pessoas de origem africana?	Nesta primeira aula, o objetivo será atrair os alunos para a forma com que pessoas descendentes do Continente Africano são representadas. Será necessário mostrar dados de como a europeização ainda afeta o olhar para as pessoas negras nos dias atuais.
1	Heranças Africanas	Quais aspectos o Continente Africano deixa como herança para o mundo ocidental?	Para a segunda aula será debatido o texto <i>A Matriz Africana no Mundo</i> , de Elisa Nascimento.
2	Documentário “AmarElo: É Tudo pra Ontem”	Quais assuntos presentes no documentário podem ser debatidos e questionados?	Na primeira aula, haverá uma contextualização do documentário, debater sobre como a obra pode contribuir para o estudo dos alunos sobre os temas afrodiáspóricos; depois, o documentário será assistido em sala para que todos consigam ter acesso ao material. Posteriormente, discutiremos os aspectos mais importantes do documentário, assuntos que podem virar tema de redação ou assuntos de interesse pessoal dos alunos.
2	Atividade Literária	Problematização: por que há poucas representações de pessoas negras em livros?	Realização de uma atividade que os alunos irão planejar um mini livro biográfico ou a criação de um post para o <i>Instagram</i> de representantes negros contemporâneos. Essa atividade além de trabalhar o assunto debatido, também demandará a prática da escrita, de produção textual, gêneros textuais, história, entre outras habilidades. Primeiro, será realizada uma pré-estrutura da atividade: divisão de grupos, pesquisa sobre quais biografias serão escolhidas, qual material será utilizado. Num segundo momento será feita a atividade em aula com os materiais estabelecidos por eles.

A partir das fichas apresentadas, é desejável que este material auxilie professores que estejam dispostos a abordar a temática e não sabem por onde começar. Adaptações ao nível de escolaridade e aos interesses específicos de cada grupo são bem-vindos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras teóricas sobre letramento antirracista e nas proposições de práticas pedagógicas pertinentes ao tema, este estudo teve como objetivo propor caminhos para uma didática antirracista, a fim de garantir que a proposta prática chegue a diversas escolas do país. Através do percurso sugerido aqui, propõe-se que professores do Ensino Médio abordem a Literatura Afro-brasileira com seus alunos e incentivem a valorização da cultura afro através da representatividade, buscando uma pedagogia que dê conta da diversidade cultural africana.

No decorrer de nossa experiência escolar e acadêmica, foi possível entender que há uma precariedade nesse ensino; por esta razão, quando nos deparamos com o estudo e tudo que tinha sido perdido ao longo desses anos, por desconhecimento do assunto, consideramos como meta pessoal propagar este conhecimento entre nossos alunos. Portanto, uma das finalidades dessa pesquisa é popularizar o ensino de Literatura antirracista aos novos estudantes do país. Não apenas a literatura erudita, mas a Literatura do povo brasileiro, em que se encontra a diversidade de raças, as histórias que enxergam a problematização do que vivemos no país, histórias em que há reconhecimento de pessoas que foram excluídas pela literatura clássica.

Como abordado nos capítulos dessa pesquisa, não é mais possível fechar os olhos ao fato de que a visão europeia do mundo transformou o modo em que a sociedade se estrutura, e a maneira que ela enxerga as coisas. Tal estrutura afeta diretamente pessoas negras, e é preciso romper com esse formato.

De acordo com os dados que obtivemos através da revisão literária disponibilizada, é necessário reforçar que a propagação de discussões como o antirracismo devem continuar sendo levadas às ruas, escolas, universidades e demais lugares, pois, apesar de toda a luta, continua-se vivenciando casos de racismo na atualidade. Logo, o documentário “AmarElo” é mais um reforço explícito de como continuar lutando e resistindo a atos cruéis por que as pessoas negras continuam passando, com momentos de tristezas e sentimentos de perda. Mas, no final, há esperança de mudanças.

Acredita-se que seja esta mudança a motivação do caminho percorrido até aqui. Juntar teóricos, trilhar opções, criar ideias de como estender esse assunto, tudo faz parte de uma única razão: acabar com o racismo e com o sofrimento da exclusão que pessoas negras passam diariamente. É com essa luta que podemos levar uma educação acessível para todos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, apud MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018. p. 80. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica>. Acesso em: 10-04-2022.

AMARELO - É Tudo Pra Ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti/Laboratório Fantasma. Netflix, 2020. (1h 29min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 29-11-2021.

BOUDOUX, Adriana Silva Teles. **Música e História na sala de aula: nas trilhas de Emicida**. VIII Encontro Estadual de História, Anpuh BA, Feira de Santana, p. 8, 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1476359385_ARQUIVO_ARTIGOEntreadenunciaedocuraADRIANABOUDOUX.pdf. Acesso em: 19-06-2022.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 09-03-2022.

EMICIDA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa551243/emicida>. Acesso em: 18-01-2022.

EMICIDA. **Uma biografia de Emicida**. Disponível em : <http://www.emicida.com.br/conheca?lang=ptbr>. Acesso em: 12-01-2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de André Rebouças**. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/andre_reboucas/. Acesso em: 18-06-2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Disponível em : http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338. Acesso em: 07-03-2022.

HEMERLY, Giovanna. **Representação social e representatividade**. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/entre-a-representacao-social-e-a-representatividade/>. Acesso em: 19-01-2022.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf. Acesso em: 18-04-2022.

HYPENESS. **Emicida ganha documentário com cenas de show histórico no Theatro Municipal**. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/11/emicida-ganha-documentario-com-cenas-de-show-historico-no-theatro-municipal/>. Acesso em : 12-01-2022.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. Centro Cultural São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em: 18-12-2021.

LITERAFRO. **Luiz Gama**. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/655-luiz-gama>. Acesso em: 18/06/2022

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A Matriz Africana no Mundo**. São Paulo: Selo Negro Edições, Grupo Editorial Summus, cap 2, 2008.

NOVAIS, Clara. **AmarElo - É Tudo pra Ontem': 7 Personagens Icônicos da História da Cultura Negra no Brasil**. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/amarelo-personagens-cultura-negra>. Acesso em: 14-01-2022.

PAIVA, Vitor. **Conheça a história de Enedina Marques, a primeira engenheira negra do Brasil**. HYPENESS, 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/01/conheca-a-historia-de-enedina-marques-a-primeira-engenheira-negra-do-brasil/>. Acesso em: 11-04-2022.

RONCOLATO, Carlos Henrique; ALBUQUERQUE, Karla Daniel Martins; DE ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros. **Amarelo (2019), de Emicida: Por uma Pedagogia do Encontro**. Revista Prática Docente, v. 5, n. 2, p. 857-869, 2020. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/802/384>. Acesso em 08-03-2022.

SANTOS, João Raphael Ramos dos. **Ensinando a Transgredir - Bell Hooks: O Afroliterato**. Afroliterato, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cyB0jksVYcw&t=187s>. Acesso em: 21-04-2022.